

Condutores de nossas próprias jangadas: educação popular e decolonialidade: pedagogias de resistência em *Abya Ayala*

Bruno dos Santos Joaquim¹

REGO, N. R. P. **Educação popular e decolonialidade: pedagogias de resistência em *Abya Ayala***. Ponta Grossa: Monstro dos Mares, 2020.

Foi durante a etapa de pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento da minha tese que me deparei, por acaso, com a breve e suleadora obra publicada por Noelia Rego, em 2020, pela editora Monstro dos Mares. Noelia é doutora em Educação e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e vem atuando como educadora popular em cursinhos e outros projetos de educação popular, além de ações de extensão universitária, formação de professores e projetos ligados à educação de jovens e adultos.

Antes de tratar da referida obra, vejo relevância em abordar brevemente o trabalho da editora Monstro dos Mares. Ao encontrar a publicação em um buscador da internet, fui encaminhado para o *site* da editora, que me chamou atenção pela sua proposta: “uma alternativa de publicação de baixo e baixíssimo custo para quem produz textos acadêmicos sobre epistemologias dissidentes do século 21 que de alguma maneira se relacionam com as questões anárquicas de nosso tempo” (Monstro dos Mares, 2024). Trata-se de uma pequena editora de Ponta Grossa/PR, autointitulada como anarquista, dedicada a publicar estudos de epistemologias contra hegemônicas, como teoria *queer*, feminismos, giro decolonial, cultura *hacker* e outros. Além de comercializar os livros impressos de forma artesanal e no formato de *zine*, a editora também oportuniza o *download* gratuito das versões digitais de parte do seu catálogo, sob o lema “pirataria é multiplicação”.

A obra de Noelia Rego (2020) é um extrato de parte da sua tese de doutoramento. A autora defende que da relação entre as epistemologias decoloniais e as experiências de educação popular historicamente produzidas em *Abya Ayala*² emerge um grande potencial de produção de contrapedagogias, apartadas do projeto moderno-colonial de educação. Sua proposta ergue-

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade do Algarve, Portugal; membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Educação e Cibercultura (LEC/UNIFESP) e do Grupo de Estudos Letramentos e Decolonialidade (UNIFESP/UdeA-Colômbia) / PhD in Education, Federal University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; post-doctoral internship at the University of Algarve, Portugal; member of the Language, Education and Cyberculture Research Group (LEC/UNIFESP) and the Literacy and Decoloniality Study Group (UNIFESP/UdeA-Colombia). E-mail: brunosjoaquim@hotmail.com.

² *Abya Yala* é a denominação histórica do continente americano na língua kuna. O termo passou a ser utilizado por diferentes organizações e comunidades indígenas de todo o continente para substituir a designação eurocêntrica “América”.

se sobre a aliança praxiológica e epistemológica entre educação popular, pedagogia libertária e decolonialidade. Mais do que um exercício de reflexão teórica, a educadora parte das suas experiências junto ao Coletivo de Educação Popular e Libertária (CEPL), onde atua, para propor uma mirada para educação pelo viés dos povos originários, mulheres, pessoas pretas, pessoas LGBTQIA+, populações de assentamentos, de favelas e de periferias.

Para apresentar essa potencialidade, Noelia Rego (2020) tece uma argumentação crítica e perspicaz para nos apresentar a educação popular a partir de uma perspectiva emancipatória de educação e sociedade. Ela percorre um caminho teórico que tem início na autoavaliação dos grupos e sujeitos subalternizados pela colonialidade do ser, do saber e do poder, passa pelo enfrentamento radical ao projeto moderno-colonial de sociedade e sua forma de operar a construção de conhecimento, chegando, por fim, à proposta transmoderna de educação, pautada pela interculturalidade. Trata-se, deste modo, de uma argumentação que procura sobrelevar as culturas de (re)existência das ruas, traduzi-las como pedagogias e, por conseguinte, construir alternativas a partir das experiências dos povos coloniais.

Sua base epistemológica engendra alguns dos principais autores do Grupo Modernidade/Colonialidade, formado na última virada de século por pesquisadores renomados como Walter D Mignolo, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Nelson Maldonado Torres, Catherine Walsh, entre outros. Ele se tornou reconhecido por supostamente inaugurar um giro epistêmico nas ciências sociais da região e influenciar pesquisas em todo o continente. Para eles, modernidade e colonialidade são duas faces da mesma moeda e representam, deste modo, um mesmo projeto de poder que, atrelado à racialização e ao desenvolvimento do capitalismo, produz e reproduz a subalternização do Sul Global. Mesmo após sua dissolução, a construção teórica de seus fundadores tem assumido posição hegemônica no campo, assim como as produções do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos.

Ainda que parta dele, a autora não restringe seu cabedal teórico ao Grupo. Referências como Sueli Carneiro e Jesse Souza são também utilizadas para compreender o modo como a colonialidade opera no Brasil, bem como pensar em caminhos de resistência. Já pensadores como Aimé Césaire, Frantz Fanon, Paulo Freire e Fals Borda são apresentados como parte da genealogia do pensamento decolonial, sendo os dois últimos também precursores da educação popular. O pensamento pedagógico latino-americano é de matriz autônoma e produziu algumas das mais belas experiências de resistência e transgressão por meio da educação. Em razão de seu caráter, é por meio da educação popular que as pedagogias decoloniais oferecem maiores possibilidades de fruição, consubstanciando-se em contrapedagogias insurgentes.

Na primeira seção da obra, Noelia Rego faz uma apresentação consistente do pensamento decolonial latino-americano, reunindo o debate teórico-conceitual em uma via de mão dupla: a sociologia das ausências e a sociologia das emergências (Santos, 2010). Isso significa que, primeiramente, faz-se a denúncia dos processos de apagamento e silenciamento de epistemologias outras, fora dos cânones do Norte Global, para, em seguida, propor o resgate de outros modos de compreender o mundo em *Abya Ayala* e, desta maneira, pensar a partir das margens, das periferias do saber, do poder e do ser. Esse movimento pressupõe uma ruptura, um giro epistêmico radical frente as estruturas de dominação persistentes advindas da tríade colonialismo, capitalismo e cisheteropatriarcalismo.

Para Noelia Rego, a educação popular é um campo fértil para a decolonialidade, pois, por possuir uma origem libertária, pode ser espaço-tempo de resistência, de produção de conhecimentos dissidentes, de denúncia da opressão e de anúncio de paradigmas, palavras e valores outros. A grande potencialidade dessa educação é permitir emergir os conhecimentos produzidos nas bases dos movimentos populares, sobretudo de grupos subalternizados pelo binômio colonialidade-modernidade. Provida do pensamento decolonial, a autora se propõe a atuar nas “pelejas pedagógicas em prol de afirmação de existência, cultura e identidade, na busca e na luta por direitos junto a movimentos sociais, povos tradicionais e originários, LGBTQIs, negrxs, mulheres, periféricxs e faveladxs” (Rego, 2020, p. 22).

Na segunda seção, a autora dá maior ênfase ao debate pedagógico decolonial, anunciando possíveis caminhos de resistência por meio de pedagogias clandestinas assentadas em epistemologias contra hegemônicas, insurgentes e decoloniais. Vale destacar que este debate não é apenas epistemológico. Aliás, esta é uma das maiores críticas que os autores do Grupo Modernidade/Colonialidade vem sofrendo desde sua constituição: o academicismo desses estudos, produzidos em universidades tradicionais, sobretudo no Norte Global, ignora o pensamento tradicional como matriz da insurgência decolonial, além de não ter a sensibilidade em perceber o pensamento decolonial presente primeira e organicamente fora dos muros das universidades, dos periódicos científicos e dos congressos acadêmicos. Deste modo, “lutar contra a matriz colonial e seu padrão normativo que sub-racializa e desumaniza não faz da decolonialidade uma teoria tão somente, e sim uma bandeira de luta, movimento e ação” (Rego, 2020, p. 26). O giro decolonial não deve ser apenas epistemológico, mas praxiológico.

Pedagogias decoloniais capazes de construir uma educação popular comprometida com o enfrentamento das opressões podem ser instrumentos de luta dos grupos e sujeitos subalternizados. Em defesa dessa ideia, Noelia Rego entende a necessidade de resgatar as epistemes e as pedagogias tradicionais, ora silenciadas, a fim de construir um outro projeto de

educação e sociedade. Não se trata de um projeto antimoderno, tampouco uma busca por um passado idílico. Trata-se de sobrepular a crença no papel civilizatório da razão moderna, como se a dominação significasse a própria emancipação do dominado. A autora acredita na construção de um diálogo intercultural transnacional sul-sul, apoiando-se na filosofia da libertação e no conceito de transmodernidade, de Enrique Dussel. Trata-se de um projeto baseado em uma agenda de desconstrução e reconstrução do pensamento e da sociabilidade, baseado na ética, no diálogo e no reconhecimento da pluriversalidade.

Em síntese, o conceito de transmodernidade refere-se à proposta de promoção de um processo intercultural de integração, que inclui a “Modernidade/Alteridade” mundial. Essa ideia sugere a necessidade de um diálogo intercultural que não pressupõe a ilusão de simetria inexistente entre as culturas. O projeto, denominado “diversalidade global” ou “razão humana pluriversal”, não se refere apenas ao reconhecimento da diversidade dentro do universal, tampouco a uma ruptura epistemológica radical com o conhecimento e os saberes historicamente produzidos, mas a uma subsunção dialética dos paradigmas anteriores, suportada por uma ética dialógica e um cosmopolitismo decolonial.

No seio desse projeto, Noelia Rego propõe um objetivo central para a educação popular no sul global: defender a autonomia intelectual dos povos da América Latina. Ao concluir a leitura do texto, minha percepção mais pujante foi exatamente a de que suas elaborações teóricas foram produzidas de forma autônoma, articulando conceitos centrais do pensamento decolonial. Sinto, ainda, a ausência de propostas práticas e exemplos de ações que definam os traços da ação pedagógica decolonial, seja na educação popular ou não. Para mim, a obra de Noelia Rego deixou alguns questionamentos acerca dos quais hoje busco por respostas. Quais são os elementos que fazem de uma ação pedagógica uma prática decolonial? De que modo o pensamento decolonial se consubstancia nos processos educativos?

Acima de tudo, o que a autora busca demonstrar é que a tríade pedagogia libertária, educação popular e decolonialidade possui grande potencial para subverter o *status quo* e redefinir nossa identidade pedagógica. Para isso, é preciso ter a autonomia intelectual, política e pedagógica que, sobretudo, a educação popular pode nos proporcionar. Parafraseando a autora, é possível crer que, por meio dela, podemos nos tornar “condutores de nossas próprias jangadas” (Rego, 2020, p. 50).

Referências

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016. DOI 10.1590/S0102-69922016000100004. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6079>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MONSTRO DOS MARES. 2024. Disponível em: <https://monstrosdosmares.com.br/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SANTOS, B. S. **Epistemologias del Sur**. México: Siglo XXI, 2010.

Submetido em 13 de março de 2024.

Aprovado em 8 de maio de 2024.